

FORMAÇÃO DOCENTE E INTERDISCIPLINARIDADE: REFLEXÕES SOBRE UM CAMINHO HUMANIZANTE PARA A EDUCAÇÃO

 <https://doi.org/10.56238/sevened2024.029-041>

Diego Alexandre Divardim de Oliveira

Doutorado em Educação

Instituição de afiliação: Universidade Estadual de Ponta Grossa-UEPG

Endereço: Ponta Grossa, Paraná, Brasil.

E-mail: dadoliveira@uepg.br

Ana Luiza Ruschel Nunes

Doutorado em Educação

Instituição de afiliação: Universidade Estadual de Ponta Grossa-UEPG

Endereço: Ponta Grossa, Paraná, Brasil.

E-mail: analuiza@uepg.br

RESUMO

Este artigo aborda a discrepância entre o dinamismo da sociedade contemporânea e o modelo educacional tradicional, que ainda é fragmentado, descontextualizado e desatualizado. Embora a sociedade e a tecnologia evoluam rapidamente, a escola continua dividida em disciplinas que frequentemente não se comunicam entre si nem com a vida dos alunos. A educação, para ser significativa e eficaz, deve integrar as disciplinas e conectar o conhecimento à realidade dos estudantes. Paulo Freire e Rubem Alves destacam que o sistema tradicional limita a capacidade crítica e o potencial dos alunos. A interdisciplinaridade surge como uma alternativa para superar essa fragmentação, neste sentido buscou-se trazer a esta discussão pesquisadores que publicaram na Revista Interdisciplinaridade, liderada pela professora pesquisadora Dr^a Ivani Catarina Arantes Fazenda, entre os anos de 2015 e 2018. Este artigo destaca que a educação seja mais integrada e contextualizada, refletindo as complexidades do mundo real e promovendo uma formação mais holística e crítica do ser humano. Os enfoques discutidos incluem a necessidade de reformulação da formação docente para incorporar práticas interdisciplinares e a importância do diálogo entre teoria e prática. A falta de recursos, infraestrutura e resistência ao modelo tradicional são desafios identificados. O artigo conclui que para melhorar a educação, é essencial que os professores estejam em constante formação, necessidade de se promover formações contínuas aos professores e repensar a estrutura curricular, buscando uma abordagem mais integrada e colaborativa. Os educadores devem assumir um papel proativo e político na transformação educacional.

Palavras-chave: Educação. Escola. Formação docente. Interdisciplinaridade. Transformação.



1 INTRODUÇÃO

A contemporaneidade está marcada por uma grande rede de comunicação, na qual circula um número expressivo de informações, as quais não são estáticas, fruto de uma sociedade dinâmica. Embora possamos perceber este dinamismo presente na sociedade e seu grande desenvolvimento tecnológico, percebemos que o formato de escola em vigor é muito antigo, ou seja, trata-se de uma escola subdividida em disciplinas, as quais, na maioria das vezes, não dialogam umas com as outras e, muito menos, com a vida dos indivíduos. Alves (2012) levanta um questionamento que corrobora com esta ideia, para o autor,

Os métodos clássicos de tortura escolar como a palmatória e a vara já foram abolidos. Mas poderá haver sofrimento maior para uma criança ou um adolescente que ser forçado a mover-se numa floresta de informações que não conseguem compreender, e que nenhuma relação parecem ter com sua vida? (ALVES, 2012, p.18).

Para Freire (1979) a educação precisa fazer sentido, e as interações entre os sujeitos constituem aspectos fundamentais para a construção do conhecimento. Alves (2012, p.29), por sua vez, considera que o modelo tradicional, disciplinar, “sedimentado” suprime a capacidade dos indivíduos pensarem, assim, para ele “o saber sedimentado nos poupa dos riscos da aventura de pensar”. Podemos considerar que, no contexto da escola disciplinar, os indivíduos são privados de exercitar suas potencialidades, professores e alunos ficam limitados.

O modelo tradicional de escola, onde o conhecimento é subdividido em disciplinas que não dialogam, é resultante de um modelo de sociedade dividida em classes, que não permite aos professores estrutura suficiente para tornar o ensino mais significativo e emancipador. O Estado não oferece tempo e as condições materiais necessárias para o desenvolvimento de projetos interdisciplinares e transdisciplinares nas escolas e nas Instituições de Ensino Superior também não encontramos condições adequadas.

Portanto, no intento de realizar um artigo que discuta sobre a produção do conhecimento sobre interdisciplinaridade em educação e que estejam publicados em periódicos nacionais, fomos à busca desses materiais disponíveis na internet, levando em consideração que na contemporaneidade a internet se configura como um importante meio de divulgação e compartilhamento do conhecimento. Em seu início parecia uma tarefa fácil, mas que durante nossas pesquisas percebemos o seu grau de dificuldade ao selecionarmos artigos publicados em periódicos nacionais que tratassem do tema interdisciplinaridade na formação docente, e que viessem de encontro com as teorias críticas da educação.

Após muitas horas de pesquisas foi possível constatar que existem poucas publicações sobre a temática em questão e que a maioria delas estão publicadas na Revista Interdisciplinaridade, periódico

criado em 2010 pela Prof. Dra. Ivani Catarina Arantes Fazenda¹ com a colaboração da Prof. Dra. Herminia Prado Godoy. A Revista Interdisciplinaridade objetiva a divulgação das pesquisas realizadas pelo GEPI - Grupo de Estudos e Pesquisa em Interdisciplinaridade e de parceiros que se dedicam ao tema, buscando ampliar os debates contribuindo para com a construção do conhecimento teórico/prático na área da educação, arte, cultura, entre outros.

Para a construção deste artigo, elegemos o período compreendido entre os anos de 2015 a 2018, quando foram publicadas 8 edições da citada revista. Infelizmente após o ano de 2018, não houveram mais publicações naquele periódico. Após a leitura daqueles exemplares, selecionamos 12 artigos publicados naquele quadriênio, por considerarmos oportunos para esta reflexão as discussões neles compartilhadas.

2 DISCUSSÃO

Sobre a concepção de Interdisciplinaridade Fazenda (2015) diz que existem dois enfoques que precisam ser considerados quando se fala em formação docente interdisciplinar, o primeiro diz respeito a uma ordenação científica, e o segundo enfoque diz respeito a uma ordenação social.

A científica nos conduziria à construção do que denominaríamos saberes interdisciplinares. A organização de tais saberes teria como alicerce o cerne do conhecimento científico do ato de formar professores, tais que a estruturação hierárquica das disciplinas, sua organização e dinâmica, a interação dos artefatos que as compõem, sua mobilidade conceitual, a comunicação dos saberes nas sequências a serem organizadas. Essa proposição conduziria à busca da cientificidade disciplinar e com ela o surgimento de novas motivações epistemológicas, de novas fronteiras existenciais. Por isso, entendemos o seguinte cada disciplina precisa ser analisada não apenas no lugar que ocupa ou ocuparia na grade, mas, nos saberes que contemplam, nos conceitos enunciados e no movimento que esses saberes engendram, próprios de seu locus de cientificidade. Essa cientificidade, então originada das disciplinas ganha *status* de interdisciplina no momento em que obriga o professor a rever suas práticas e a redescobrir seus talentos, no momento em que ao movimento da disciplina seu próprio movimento for incorporado do mundo. (FAZENDA, 2015, p.10).

Neste sentido, a ordenação social tem como objetivo o “desdobramento dos saberes científicos interdisciplinares às exigências sociais, políticas e econômicas” (FAZENDA, 2015, p.10).

Tal concepção coloca em questão toda a separação entre a construção das ciências e a solicitação das sociedades. No limite, diríamos mais, que esta ordenação tenta captar toda complexidade que constitui o real e a necessidade de levar em conta as interações que dele são constitutivas. Estuda métodos de análise do mundo, em função das finalidades sociais, enfatiza os impasses vividos pelas disciplinas científicas em suas impossibilidades de sozinhas enfrentarem problemáticas complexas (FAZENDA, 2015, p.10).

Existem demandas que necessitam ser atendidas, as quais dizem respeito aos fatores sócio-político-culturais que exigem dos sujeitos novas posturas (FAZENDA, 2015). A autora leva em

¹ Iniciou suas pesquisas sobre interdisciplinaridade na década de 1970 (nota pelos autores).



consideração que o capitalismo é uma das forças motrizes que acabam influenciando a educação, e que não se pode confundir a interdisciplinaridade escolar e a interdisciplinaridade científica.

Na interdisciplinaridade escolar a perspectiva é educativa, assim os saberes escolares procedem de uma estruturação diferente dos pertencentes aos saberes constitutivos das ciências. Na interdisciplinaridade escolar as noções, finalidades habilidades e técnicas visam favorecer, sobretudo, o processo de aprendizagem respeitando os saberes dos alunos e sua integração (FAZENDA 2015, p.12).

A interdisciplinaridade escolar dá ênfase aos processos, e neste contexto a formação docente precisa estar de acordo com esta perspectiva. Desta forma,

A formação interdisciplinar de professores, na realidade deveria ser vista de um ponto de vista circundisciplinar, tal como temos discutido com Yves Lenoir, aonde a ciência da educação fundamentada num conjunto de princípios, de conceitos, de métodos e de fins convergem para um plano meta-científico. Tratamos nesse caso do que poderíamos chamar interação envolvente sintetizante e dinâmica, reafirmando a necessidade de uma estrutura dialética, não linear e não hierarquizada, aonde o ato profissional de diferentes saberes construídos pelos professores não se reduzem apenas a saberes disciplinares. Começamos aqui a tratar de um assunto novo, recentemente pesquisado denominado intervenção educativa onde mais importante que o produto seja o processo que se inicia e permanece na manutenção dos Direitos Humanos (FAZENDA, 2015, p.14).

Quando se fala em formação docente, na perspectiva interdisciplinar, é imprescindível considerar que a relação entre teoria e prática precisa estar alicerçada na consciência crítica, a qual reconhece a incompletude dos processos e a necessidade de se ir além do convencional. Para Martins; Tavares (2015, p.19)

Pensar na prática docente é um constante exercício reflexivo de cada educador comprometido com a educação. É um momento muito desafiador, uma vez que se faz necessária autoanálise de todo trabalho realizado pelo docente, numa conjuntura política em que não há real comprometimento com o educando e nem mesmo com o educador. Entretanto, essa realidade, apesar de dura, não deve impedir a realização de tal prática tão válida não somente para o docente, mas para o próprio sistema educacional.

Pensar a interdisciplinaridade implica em pensar no outro e no coletivo, trata-se de uma prática humanitária. Neste ínterim, Martins e Tavares (2015, p.26) demonstram a

[...] necessidade de trazer para a sala de aula a atitude interdisciplinar da escuta sensível de maneira que cada docente consiga em seu modo de ser o agir de modo interdisciplinar. Muitos são os caminhos da interdisciplinaridade e um deles é revelado através do fazer psicopedagógico, uma vez que esse profissional é uma espécie de ponte que interliga a família e a escola por caminho que às vezes são longos e tortuosos.

Ao levarmos em consideração esta ideia, é possível refletir sobre a prática docente de muitos professores, os quais, muitas vezes, buscam dar sentido aos conteúdos que ensinam, são atenciosos para com os alunos e suas necessidades, colaboram para a boa convivência na escola, entre tantas



coisas, atuam de maneira interdisciplinar mesmo não reconhecendo que essas práticas são interdisciplinares.

[...] segundo Ivani Fazenda, a Interdisciplinaridade é muito mais que junção de disciplinas, trata-se de uma nova visão sobre as possibilidades de relação entre elas e entre as questões fundamentais da contemporaneidade, o que permitiria a substituição da verdade de cada disciplina pela verdade do homem enquanto ser no mundo (FAZENDA, 2011a, p. 89) (FERNANDES, 2015, p.52).

De acordo com Fernandez (2015) um projeto interdisciplinar demanda diálogo e a valorização do ser humano. Lima (2016, p.70) diz que “o ser humano aprende para viver” e que “os conteúdos do currículo não devem ser apresentados de forma desconexa” e, para a autora, é importante levar em consideração a complexidade existente nas relações, e isso acaba impactando a produção do conhecimento em educação e, em decorrência disso, surgem mudanças nas metodologias de ensino, como afirma Mateus (2016). Assim,

[...] a interdisciplinaridade no âmbito escolar vem sendo sugerida, por alguns estudiosos em educação, como alternativa metodológica a superar o ensino fragmentado sendo capaz de potencializar um maior significado aos conteúdos escolares contribuindo para uma formação mais holística que prepare para a vida. Segundo Japiassú (1976), caracteriza-se pela “intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de integração real das disciplinas” em um mesmo projeto de pesquisa para interpretar as situações de aprendizagem (OLIVEIRA et al. 2016, p.35).

Segundo Oliveira et al. (2016) a interdisciplinaridade não reduz e não anula as disciplinas, mas promove interligações entre as mesmas, possibilitando uma maior integração entre os sujeitos (professor, aluno e comunidade), a qual contribui para a construção de novos conhecimentos significativos para todos. Oliveira et al. (2016, p.36) afirma que para isso ocorra é necessário aos professores “abertura para buscar a construção de uma proposta curricular contextualizada com a realidade escolar na perspectiva de formar cidadãos comprometidos com a transformação social de sua comunidade”.

Complementando o acima exposto, e lembrando o que já foi dito anteriormente, o Estado não fornece a infraestrutura para que os professores possam atuar com projetos interdisciplinares, transdisciplinares e multidisciplinares. Hoje, quando falamos em projetos inovadores recordamos a atualidade do pensamento de Freire (2002) e de Hernández (1998), para aquele a educação é um ato político e, este último, fala em transgressão.

Não posso me perceber como uma presença no mundo, mas, ao mesmo tempo, explicá-la como resultado de operações absolutamente alheias a mim. Neste caso o que faço é renunciar à responsabilidade ética, histórica, política e social que a promoção do suporte a mundo nos coloca. Renuncio a participar a cumprir a vocação ontológica de intervir o mundo. O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da História (FREIRE, 2002, p.23).



Trata-se de uma postura importantíssima que precisa ser assumida por todos, principalmente por todas as pessoas que se dizem educadoras, pois é pela educação que o restante da população se tornará mais consciente e crítica dos contextos que vive.

Sobre a fragmentação do currículo, descontextualização, e sobre uma postura transgressora, Hernández (1998, p.12) diz que

[...] procura-se transgredir a visão do currículo escolar centrada nas disciplinas, entendidas como fragmentos empacotados em compartimentos fechados, que oferecem ao aluno algumas formas de conhecimento que pouco têm a ver com os problemas dos saberes fora da Escola, que estão afastados das demandas que diferentes setores sociais propõem à instituição escolar e que têm a função, sobretudo, de manter formas de controle e de poder sindical por parte daqueles que se concebem antes como especialistas do que como educadores.

Oliveira et al. (2016) realizaram uma pesquisa com um grupo de professores do estado do Espírito Santo, e verificaram aspectos que já havíamos observado in loco no estado do Paraná. Constatou-se

Outra convicção que se encontra cristalizada em grande parte dos professores, e por que não dizer da escola, é a resistência em mudar, pois a principal meta não está na formação integral dos jovens e sim em cumprir com os programas das disciplinas. Observou-se entre os professores a dificuldade em desprenderem de programas e conteúdos, ditos por eles obrigatórios por estarem listados no currículo estadual. Essa obrigatoriedade é reforçada na fala da supervisão que atribui a cobrança à superintendência e as avaliações externas, em especial o PAEBES² (OLIVEIRA et. al, 2016, p.43).

Carneiro; Silva (2017) realizaram uma pesquisa em um colégio de Ensino Médio, da rede pública no município de Senhor do Bonfim, no Estado da Bahia, e apontaram que

As principais dificuldades apontadas pelos docentes para a realização de atividades interdisciplinares entre essas disciplinas³ foram: falta de tempo disponível para planejar e executar as atividades; ausência de referências teóricas sobre o tema interdisciplinaridade para auxiliar o planejamento; desconhecimento de exemplos práticos de como fazer atividades interdisciplinares; escassez de recursos; deficiência na formação e falta de interação com os professores de outras áreas. Sendo esta última a mais abordada (CARNEIRO; SILVA, 2017, p.39).

Nas duas pesquisas citadas, podemos perceber que existem dois aspectos que acabam impactando a educação, de modo a dificultarem as possíveis mudanças nas perspectivas da educação, de uma educação disciplinar à educação interdisciplinar. A primeira diz respeito ao desinteresse do Estado para com qualquer perspectiva educacional não tradicional e, a segunda diz respeito ao desinteresse dos professores para com a transgressão em educação. Podemos considerar que os professores que participaram dessas pesquisas, necessitam de muita vontade e ousadia para romperem com o modelo tradicional disciplinar, o que demandaria muito esforço e dedicação.

² Programa de Avaliação da Educação Básica do Espírito Santo (PAEBES). (nota pelos autores)

³ Biologia e Matemática. (nota pelos autores)



Como solução possível a esta situação Mello (2016, p.29) propõem uma modificação na formação dos professores e corrobora para com as nossas reflexões ao dizer que

O rompimento da dicotomia teoria e prática apresenta-se como possibilidade para a integração formativa. Na contra mão da fragmentação dos conceitos, recorreremos então, à concepção de integração formativa como resultante de várias dimensões de formação que, articuladas, contribuem para a condição plena do sujeito, primeiramente como humano, e depois, como profissional. Propomos uma ruptura com a fragmentação curricular, de forma a permitir por meio das práticas, integrar conhecimentos separados, contribuindo para a contextualização da realidade em que vivemos. [...] Posto está, que o grande desafio para a integração formativa é a superação da fragmentação, que persiste em nossos currículos de curso de formação de professores.

A fragmentação do conhecimento faz com que os sujeitos percam a capacidade de perceberem o todo e de contextualizarem (MELLO, 2016).

Assim, interdisciplinaridade aparece como uma ação, forma de análise do mundo, auxiliando o conhecimento científico, amparando as disciplinas e até auxiliando nas questões em que a disciplinaridade sozinha não consegue dar conta. É a interdisciplinaridade buscando dentro das ciências uma interiorização para então partir para a exteriorização, podendo assim tentar responder a questões sociais emergentes (REIS, 2017, p.16).

a interdisciplinaridade é uma proposta dialógica que busca a integrar os sujeitos, a sociedade e o conhecimento (REIS, 2017). Trata-se de uma forma de humanizar e de tornar o ser humano mais crítico, contribuindo para que se reconheça como sujeito histórico que necessita atuar no mundo, não como sujeito passivo, mas desempenhando todo o seu potencial modificador.

Ainda sobre a formação dos professores, Frade et al. (2017) relata experiências com o PIBID Interdisciplinar da Universidade Federal de Lavras, no Estado de Minas Gerais, que se fundamenta na pedagogia crítica de Paulo Freire, a qual promove uma organização do conhecimento que possibilita aflúrem os temas geradores, além de evidenciar a importância do trabalho colaborativo. Neste projeto

[...] a estratégia utilizada para a integração das diversas áreas do conhecimento foi a prática de reuniões semanais de estudo, planejamento, revisão, construção e seleção de materiais para os Círculos de Cultura. Ao debater-se os temas geradores oriundos das trocas realizadas nas escolas, os/as estudantes e professoras supervisoras conseguiram construir roteiros para o trabalho, de forma que a integração das áreas estivesse presente. Definiu-se por utilizar recursos tecnológicos disponíveis, tais como: vídeos de documentários, reportagens *online*, áudios, fotografias, dentre outros, para introduzir os temas geradores de cada Círculo de Cultura. Ao vivenciar-se a construção colaborativa destes materiais didáticos, a integração dos conhecimentos foi garantida. Aos/as estudantes das diversas licenciaturas foi oportunizada a vivência da construção interdisciplinar de planejamento didático-pedagógico por meio do diálogo e da troca de informações (FRADE et al. 2017, p.47).

Para encontrar os temas geradores, o pesquisador precisa estar inserido na realidade a que se pesquisa, neste caso a realidade escolar. Em Freire (1979) percebemos que esta prática é política, pois contribui para desvelar as realidades e, desta forma, liberta os sujeitos das forças opressoras.

Os homens enquanto “seres-em-situação”, encontram-se submersos em condições espaço-temporais que influem neles e nas quais eles igualmente influem. Refletirão sobre o seu caráter de seres situados, na medida em que sejam desafiados a atuar. Os homens são porque estão situados. Quanto mais refletirem de maneira crítica sobre sua existência, e mais atuarem sobre ela, serão mais homens. A educação e a investigação temática numa concepção crítica de educação constituem somente diferentes momentos do mesmo processo (FREIRE, 1979, p.24).

Não existem sujeitos que não estejam situados, mesmo em casos de anacoretismo a relação dos sujeitos com o meio onde vivem é uma relação ativa e que precisa ser crítica e reflexiva. Sobre esta questão, temos o exemplo de Henry David Thoreau que viveu solitário⁴ às margens do lago Walden, no Estado de Massachusetts. EUA, e que foi um observador crítico de sua realidade. Pensando a partir deste exemplo, pensemos que os alunos muitas vezes não possuem maturidade suficiente para serem observadores críticos e reflexivos, desta forma os professores precisam provocar os jovens convidando-os à reflexão e contextualização, pois segundo Lima; Monteiro (2018, p.21) “a interdisciplinaridade vai além do currículo e dos pontos de convergência epistemológicos, ela é ação intencional e envolve aspectos culturais e sociais”. Neste sentido, os professores precisam estar abertos para os novos delineamentos metodológicos que surgem quando se quebram os velhos paradigmas da educação.

Viçosa et al. (2018) afirmam que é preciso fortalecer a formação continuada dos professores do ensino fundamental com vistas à interdisciplinaridade, ao trabalho colaborativo, e a construção do conhecimento em redes. “Construção essa que ocorra a partir da troca de experiências que gerem questionamentos que permitam compreender diferentes questões em grupos constituídos nas redes de ensino” (VIÇOSA et al. 2018, p.96).

[...] consideramos que é indispensável adaptar ou reestruturar os atuais programas de formação inicial e continuada de professores do ensino fundamental que contemple melhorias dos aspectos interdisciplinares. Como sugestão para a superação das dificuldades apresentadas, sobre as abordagens do meio ambiente e da interdisciplinaridade, cita-se Shaw, Rocha e Folmer (2017), os quais destacam o papel de professores pesquisadores de universidades como guias e estimuladores de discussões. Assim, amenizar a dissociação entre conteúdos disciplinares e pedagógicos, reduzir a distância entre a academia e a realidade escolar, investir na constituição de redes de trabalho e de práticas de formação baseadas em permutas e no diálogo profissional, centrando essas formações nas escolas, em torno de projetos que são, ao mesmo tempo, de inovação pedagógica e de formação docente (VIÇOSA et al. 2018, p.96).

É muito importante que os professores conheçam o Projeto Político Pedagógico da instituição onde estão inseridos e, que em uma eventual reestruturação sejam consideradas as demandas da contemporaneidade e que essa reestruturação seja realizada coletivamente (VIÇOSA et. al., p.96). De acordo com o acima exposto, é necessário aos professores o sentimento de pertencimento. A educação precisa ser construída coletivamente.

⁴ Thoreau viveu como eremita durante os anos de 1845 e 1847, sua experiência foi relatada na obra “Walden ou A vida nos bosques” publicada pela primeira vez em 1854. (nota pelos autores)



3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por mais que o mundo esteja em contínuo desenvolvimento científico, tecnológico, e que, também é possível verificar mudanças ocorrendo no aspecto cultural por meio da aculturação e da endoculturação, muitas dessas modificações ocorrem em virtude da globalização. Mesmo em um mundo dinâmico, o formato da escola em vigor, apresenta-se defasado.

Precisamos refletir sobre a formação inicial e continuada dos docentes numa perspectiva interdisciplinar, de modo a promover a compreensão do mundo de maneira global, contextualizada e crítica, valorizando todos os sujeitos e estimulando-os à construção do conhecimento de maneira colaborativa.

A valorização da educação como um meio transformador da sociedade é imprescindível quando se fala em qualidade do ensino, portanto, os educadores não devem esperar a iniciativa do Estado para que as mudanças necessárias ocorram. Neste ínterim, Ribeiro (1979, p.14) demonstra a atualidade de seu pensamento ao afirmar que “a crise educacional do Brasil da qual tanto se fala, não é uma crise, é um programa. Um programa em curso, cujos frutos, amanhã, falarão por si mesmos”.



REFERÊNCIAS

CARNEIRO, R.R.S; SILVA, L.M. Prática interdisciplinar no ensino da hereditariedade em escolas estaduais de Senhor do Bonfim.BA. *Interdisciplinaridade*, São Paulo, v. 1, n. 10, p.31-40, abril. 2017.

FAZENDA, I.C.A. INTERDISCIPLINARIDADE: Didática e Prática de Ensino. *Interdisciplinaridade*, São Paulo, v. 1, n. 6, p.9-17, abril. 2015.

FERNANDES, P.J.C. Desafios para a efetivação de um projeto interdisciplinar na contemporaneidade: um diálogo com Jürgen Habermas e Ivani Fazenda. *Interdisciplinaridade*, São Paulo, v. 1, n. 6, p.44-55, abril. 2015.

FRADE, E. et al. Os pilares da interdisciplinaridade no subprojeto do PIBID Interdisciplinar na Universidade Federal de Lavras.MG. *Interdisciplinaridade*, São Paulo, v. 1, n. 10, p.41-58, abril. 2017.

FREIRE, P. *Conscientização: teoria e prática da libertação*. São Paulo: Cortes e Moraes, 1979.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

HERNÁNDES, F. *Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

LIMA, K.O. A teoria e a prática interdisciplinar no cotidiano profissional do pedagogo. *Interdisciplinaridade*, São Paulo, v. 1, n. 9, p.69-80, outubro. 2016.

LIMA, K.O; MONTEIRO, G.V. Epistemologia ecossistêmica e interdisciplinaridade: uma parceria necessária ao ensino escolar do século XXI. *Interdisciplinaridade*, São Paulo, v. 1, n. 12, p.9-31, abril. 2018.

MARTINS, E.C; TAVARES, D.C. A escuta sensível: prática do docente interdisciplinar no ensino médio. *Interdisciplinaridade*, São Paulo, v. 1, n. 6, p.18-27, abril. 2015.

MATEUS, L. A percepção interdisciplinar do aluno do curso técnico em enfermagem sobre cidadania. *Interdisciplinaridade*, São Paulo, v. 1, n. 9, p.47-57, outubro. 2016.

MELLO, M.P.R.A. Currículo e integração formativa nos cursos de formação de professores. *Interdisciplinaridade*, São Paulo, v. 1, n. 9, p.24-40, outubro. 2016.

OLIVEIRA, E.B. et al. Os desafios da interdisciplinaridade no currículo da área das ciências da natureza de uma escola estadual. *Interdisciplinaridade*, São Paulo, v. 1, n. 9, p.31-47, outubro. 2016.

REIS, R.A. O contexto escolar em análise: as práticas interdisciplinares e as mudanças no cotidiano escolar. *Interdisciplinaridade*, São Paulo, v. 1, n. 10, p.9-30, abril. 2017.

RIBEIRO, D. Sobre o óbvio. Disponível em: <<http://www.sociologiaonline.com/wp-content/uploads/2015/08/sobre-o-obvio.pdf>>. Acesso em: 30 mai.2018.

VIÇOSA, C.S.C.L. et al. Desafio da formação continuada em abordagens acerca do meio ambiente em uma perspectiva interdisciplinar. *Interdisciplinaridade*, São Paulo, v. 1, n. 12, p.83-102, abril. 2018.